



2003/09/08

AS PEQUENAS MARINHAS NO CONCEITO DE "NETWORK-CENTRIC WARFARE"

Alexandre Reis Rodrigues

Num interessante artigo publicado pela revista do Naval War College, número do Verão de 2003, Paul T. Mitchell, director do Canadian Forces College, interroga-se sobre o papel que as pequenas marinhas poderão ter no futuro, quando integradas em forças multinacionais lideradas pelos EUA, operando segundo os mais modernos conceitos e doutrinas de operações. Com os enormes avanços que se têm verificado no campo tecnológico e com a implementação das novas doutrinas e conceitos de operações que esses desenvolvimentos têm gerado, designadamente o conceito de Network Centric Warfare (NCW) a pergunta é, de facto, pertinente. Há apenas duas hipóteses: se existe capacidade de acompanhar minimamente essas evoluções será legítimo ambicionar um papel activo; se não existe essa possibilidade, será inevitável ficar-se relegado para tarefas menores e mesmo encorajado a não se intrometer ou a ficar em causa. Naturalmente que não se trata de um problema específico de marinhas. É, obviamente, também um problema dos exércitos e das forças aéreas, das forças armadas em geral, embora com diferentes nuances técnicas. E, neste particular nem sequer é apenas português; é de quase todas as forças aliadas, ainda que em graus diferentes. Algumas estarão mais adiantadas a tentar cobrir o "fosso" que as separa das forças americanas. Para a Marinha Portuguesa, o problema não é inteiramente novo nas suas características gerais. Até 1991, à entrada ao serviço das fragatas da classe Vasco da Gama, os nossos navios debatiam-se com um problema semelhante ao que se espera para dentro de pouco tempo, nos termos acima referidos, se nada for feito para o evitar. Até então, os nossos navios com pouco mais podiam contar do que o panorama táctico recolhido pelos seus próprios sensores, ainda por cima compilado manualmente. Todos os outros navios estavam integrados numa rede informatizada de permuta de dados da situação, que lhes fornecia, quase automaticamente e em tempo real, um panorama táctico comum, pelo menos ao nível da força em que participavam, senão mesmo mais alargado. Tratava-se da chamada rede "link 11" que também permite o envio de ordens para tarefas e ainda é hoje a chave da possibilidade de marinhas de diferentes nacionalidades operarem conjuntamente e de uma forma coordenada. Com as fragatas Vasco da Gama, Portugal ficou, finalmente, ao nível de qualquer outra marinha e, graças a um esforço pontual de modernizações nestas áreas, presentemente, até está à frente em algumas capacidades. O problema é que a marinha americana há muito que considera o "link 11" demasiado lento, de insuficiente qualidade para fornecer informação de fogo, limitado no âmbito da informação que disponibiliza e demasiado exigente em termos de intervenção humana para coordenação e desconflituação da informação transitando na rede. Além disso, o regresso das operações navais para as proximidades das costas, de modo a garantir um mais directo apoio às operações em terra, passou a requerer uma velocidade e rigor na capacidade de coordenação e controlo das operações que o "link 11" já não pode garantir. Daqui, nasceu o conceito de NCW que procura responder às crescentes exigências de sincronização de forças e de optimização dos recursos, indispensáveis para a realização de "operações rápidas e decisivas". Para evitar a penosa experiência que anteriores gerações viveram até 1991 de ter que trabalhar com os nossos aliados em condições substancialmente diminuídas, é preciso estudar cuidadosamente este problema. O esforço e boa vontade que houve no passado não vão chegar, no futuro, para fazer o milagre de tornear as dificuldades dos atrasos em que nos possamos deixar cair de novo. É assunto a que tentarei voltar em breve.